

MADLINE HUNTER

PECADORA

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA ÁLVARES

ASA

CAPÍTULO 1

O funeral de uma prostituta será sempre esparsamente concorrido, por muito notáveis e nobres que possam ter sido os seus patronos.

Celia Pennifold não ficou, portanto, surpreendida com a escassez de presenças no funeral da sua mãe, Alessandra Northrope. Compareceram principalmente mulheres, trajando conjuntos caros de bombazina preta que ao final do dia já teriam sido descartados. Todas elas cortesãs, sabiam que Alessandra não esperaria que usassem roupas de luto por mais que umas horas. Afinal, havia protetores que aguardavam a sua companhia.

Estavam presentes alguns homens também. Viam-se cinco mancebos ao fundo. Pelos sorrisos desrespeitosos e pela agitação, Celia percebeu que quatro deles faziam daquilo diversão. O quinto, porém, parecia sofrer genuinamente pela morte da mulher linda e fascinante que se encontrava no caixão.

Alessandra recebera amiúde declarações de amor a par de ofertas generosas. Tivera a bondade de não dar a conhecer àqueles cavalheiros profundamente comovidos que deixara de sentir necessidade de encobrir o que fazia com sentimento.

Ora aí estava uma afirmação que podia ser feita sobre aquela prostituta em particular, pensou Celia. Mesmo com duques

a escrever-lhe poemas e jovens apaixonados a dedicar-lhe canções, Alessandra Northrope sempre soubera exatamente quem e aquilo que era.

Bem poderia ter proporcionado à filha a mesma segurança de saber quem era.

– Cinco carruagens – sussurrou a voz de Daphne, a amiga. A observação acompanhou a toada monótona do pastor. – Pergunto-me quem serão.

Celia reparara em todas à chegada. Alugadas e anónimas, tinham as cortinas corridas para proteger o interior de olhos curiosos. – São patronos anteriores, presumo. Ou atuais. Homens de renome que não querem ser vistos.

Se fossem anteriores, de que época? As possibilidades distraíram-na do ritual. Tentou não fixar o olhar nas carruagens escuras. Resistiu ao impulso de se aproximar delas e espreitar lá para dentro para ver exatamente quem tinha escolhido aquela maneira formal e secreta de se despedir de Alessandra.

– A sexta não traz patronos de época alguma – esclareceu Daphne. – São Audrianna e Verity que estão lá dentro. Estão aqui por ti, Celia, mesmo sem darem a ver o rosto.

Celia apreciou o esforço das amigas. Dado que ambas haviam desposado recentemente homens de posição social, Audrianna e Verity deviam usar de circunspeção em assuntos como este. O simples facto de se saber que eram amigas da filha de Alessandra podia manchar a sua reputação.

Daphne, viúva e independente, não tinha marido nem um círculo social ao qual aplacar. No entanto, também não mostrara verdadeiramente o rosto. Do chapéu preto de aba larga pendia uma quantidade considerável de rede preta, encobrindo o seu cabelo muito claro e as faces de uma palidez perfeita. Porém, insistia em acompanhar Celia, apesar de esta a ter aconselhado a não o fazer.

Celia perscrutou mais uma vez as cinco carruagens. Detetou pequenas frinchas nas cortinas de duas delas e tentou esforçadamente

perceber algo através das aberturas. Estavam demasiado distantes e só se via escuridão.

A mão de Daphne tocou subtilmente na sua, recordando-lhe que devia concentrar-se nas orações. Sentindo-se culpada, Celia prestou atenção ao momento mas não às palavras. Deixou-se levar pelas memórias da mãe, umas boas e outras dolorosas. As mais pungentes eram as das últimas semanas. A doença de Alessandra reunira-as após cinco anos de separação. Raivas do passado, mágoas ou cicatrizes de pouco haviam importado durante aqueles últimos dias, tão doces.

Exceto uma.

Quando a cerimónia terminou e as mulheres se afastaram, Celia permitiu que a sua atenção recaísse novamente sobre as carruagens. Quando passaram por si, olhou diretamente para cada uma delas, tanto para receber as condolências do homem invisível que se encontrava no seu interior como para tentar sentir a presença dele, na expectativa de o reconhecer posteriormente.

– Ele esteve aqui – disse Daphne depois de todas as carruagens partirem. – Tenho a certeza disso.

– Provavelmente esteve.

– Talvez me escreva. Talvez agora que ela está morta, ele se revele.

Daphne entrelaçou o braço no dela e acompanhou-a. – Sim, de facto.

– Estás só a fazer-me a vontade. Não acreditas que ele o faça.

– Não o fez até agora, por isso, não, não acredito que venha a fazê-lo.

Celia caminhou com mais determinação. – Foi cruel da parte dela não me dizer. Tenho o direito de saber quem é o meu pai, mas ela fez pouco caso das minhas súplicas.

– Tenho a certeza de que teve as suas razões, Celia. Talvez seja melhor aceites que tomou a decisão mais acertada. Talvez lhe tenha permitido falecer em paz, a reserva que manteve sobre o assunto.

Celia reprimiu as lágrimas pela mulher que não voltaria a ver.
– Sem dúvida que ela julgava estar a fazer o melhor, nisto como em qualquer outra coisa que diga respeito à minha vida. Mesmo assim, nunca conseguirei aceitar o facto de não saber o nome do meu pai.

– Não passou de conversa, claro. Uns rumores vagos. Eu nunca acreditei nisso.

– Mas outros acreditaram? – Jonathan espreitou pela frincha das cortinas. A maior parte da sua atenção avaliava a missão que o tio lhe confiava, mas uma pequena parte permanecia alerta ao pequeno drama que se desenrolava perto do túmulo.

– Talvez algumas pessoas tivessem acreditado. Não houve provas, apenas padrões e coincidências. Fizeram com que os homens do poder desconfiassem numa altura em que abundavam as suspeitas, quantas vezes sem fundamento. Daí a atual preocupação. Nenhum homem quer ver o seu nome ligado ao dela durante aquela altura, devido aos rumores, não vá ficar injustamente mal visto.

O tio Edward transmitia-lhe a informação necessária numa voz arrastada que revelava a importância menor que atribuía ao assunto. Deixava igualmente claro que partia do princípio de que Jonathan se encarregaria daquela pequena tarefa, tal como se encarregara de tantas outras ao longo dos anos.

Jonathan afastou as cortinas um pouco mais. Ao pé da sepultura estava um punhado de mulheres, todas de preto. A maior parte delas seria reconhecida por qualquer homem da cidade. Algumas eram amantes bem mantidas, e outras eram as mais procuradas mulheres de prazer, que escolhiam os seus clientes de entre a elite. Viviam numa pequena lua que orbitava em torno do planeta habitado pela alta sociedade, e formava um mundo satélite até ao qual homens bem-nascidos viajavam com alguma frequência.

Nem todas as mulheres eram conhecidas do público. Duas delas pareciam estar deslocadas. Uma, alta e esguia, permanecia

invisível debaixo de véus que pendiam da aba larga do seu chapéu. A outra, loira e mais baixa, não trazia chapéu algum.

Semicerrou os olhos para ver melhor o rosto da segunda mulher. A distância esbatia-lhe os traços mas, sim, podia ser Celia. Estaria ali movida pelo sentimento de filha dedicada? Ou como herdeira da mãe, tal como Alessandra planeara e tomara como certo? A sua postura era reta e orgulhosa e não parecia de todo constrangida por se ver rodeada pelo tipo de mulheres que haviam sido as únicas amizades escolhidas pela mãe.

– E se os rumores estivessem corretos? – perguntou ele a Edward, sem tirar os olhos da cabeça loira. – E se eu descobrir que Alessandra teve mesmo conversas de almofada com o inimigo?

– A guerra acabou há muito. Não te está a ser pedido que investigues, muito menos que exponhas essas coisas. Descobre apenas se ela deixou algum registo ou algo semelhante, com nomes que possam vir a público. Traz-me o que descobrires. – Dirigiu-lhe um sorriso que constituía o único gesto caloroso que Jonathan recebera de qualquer um dos seus parentes ao longo dos anos. – É muito simples. Alguns dias de trabalho, no máximo.

Jonathan atendeu finalmente ao que o tio dizia. – Porquê eu, se é assim tão simples?

– Conhecia-la, não conhecias? Eras amigo dela. – A expressão de Edward permaneceu impassível, mas Jonathan conhecia bem de mais a mente que presidia àqueles traços regulares e olhos escuros para se deixar enganar.

– Amigos, sim. Não amantes, no caso de estar a pensar isso. Não sei os segredos dela. Também não vi nada que desse credibilidade a esses rumores.

– Claro que não. Ainda assim, consegues movimentar-te no mundo dela melhor do que qualquer outra pessoa, visto seres um amigo. – Edward gesticulou na direção da janela e das mulheres que estavam ao lado da sepultura. Os habitantes do mundo de Alessandra. – Todas confiarão em ti unicamente por essa razão. E também porque já o fazem naturalmente.

O tio aludia a um facto estranho, que Jonathan se tornara perito em explorar. Era verdade que as pessoas confiavam nele. Por razões desconhecidas, os instintos delas diziam-lhes que o fizessem. Escapava ao seu próprio entendimento, mas facilitava as missões que executava para Edward. Algo ignóbeis, também, e vagamente desonrosas, por mais legítima que a causa fosse.

Não era claro, porém, o grau de legitimidade desta nova causa. Não que isso importasse realmente. Há muito que deixara de debater estas questões. Um homem não conseguia singrar como investigador se tomasse um partido. Fosse a executar um dever para o Ministério da Administração Interna ou a localizar o ninho de amor de alguma esposa errante, cumpria-lhe a ele ser objetivo, se queria comer.

Espreitou novamente pela janela. Perguntou-se se daquela vez conseguiria manter-se objetivo. Alessandra fora de facto sua amiga. Havia algo de repugnante na ideia de vasculhar a sua vida e o seu passado. Parecia estar a traí-la.

Olhou de frente para o tio. – Seria melhor outro homem para este trabalho.

– Queremos-te a ti. Não há como prever o que pode vir a ser descoberto. Não podemos confiar num detetive de Bow Street¹.

– Não me agrada. Seja como for, já era minha intenção regressar a França.

Edward tentou sorrir mas a sua boca acabou esticada numa linha fina, que denotava mais preocupação do que bom humor. – Não quererás partir tão cedo. Estou a fazer progressos com Thornridge. Tenciono ir eu próprio a Hollycroft na próxima semana para ver se os meus esforços deram fruto. Se for bem-sucedido, quererás estar cá quando a meta for alcançada.

Fazia alusão a uma longa busca, de cuja conclusão Jonathan duvidava cada vez mais. Edward permanecia o seu único aliado

¹ *Bow Street Runners*: organização de «caçadores» de criminosos criada pelo tribunal de Bow Street, de Londres, e paga pelo governo, considerada por alguns a primeira força policial da cidade. (*N. da T.*)

na luta pela obtenção do reconhecimento familiar que poria fim à ambiguidade acerca da sua vida.

O tio não disse mais nada, mas pairava entre eles um velho entendimento. Edward ajudaria Jonathan se Jonathan ajudasse Edward. Fora o tio que o recrutara durante a guerra e era ele que apadrinhava sempre a sua ligação com o Ministério do Interior nas investigações para quais era enviado.

Normalmente, a alusão ao grande prémio faria com que Jonathan pusesse de lado quaisquer inquietações. Naquele dia não. Não sabia bem porquê. Talvez a sensação de trair uma amiga fosse a causa do seu desconforto. Possivelmente o engodo de Edward perdia o seu atrativo. Afinal, há longo tempo que o isco estava já na água.

Vendo melhor, talvez fosse por hoje ter visto a filha de Alessandra. O temperamento enérgico, animado e juvenil de Celia sempre o fizera sentir-se taciturno, sombrio e envelhecido.

A expressão de Edward ficou séria, como se visse algo que o perturbasse no rosto que tinha à frente. – Há mais uma coisa.

– O que é?

– É possível... Não quis falar disto devido à amizade que pensas ter existido, mas há um indício de que o ataque de que foste alvo na Cornualha está ligado a isto. É apenas um padrão que pode ser investigado; nada mais. Nada de definitivo.

– Sabia disso e não me disse antes? Maldição! Sabe que tenho uma dívida a saldar. Se tem informações sobre o homem que está por trás disso, quero...

– Garanto-te que é tudo muito inconclusivo. Contudo, um dos primeiros patronos dela foi um *émigré*, como saberás. Conferiu-lhe estilo e educação. Há sinais de que esteve ligado a isto e temos razões para pensar que ela continuou a vê-lo até ele morrer, há dois anos. Em privado e às escondidas.

Então os rumores encerravam uma nota de provocação. Jonathan não acreditava que Alessandra o tivesse enviado conscientemente para uma armadilha e uma morte quase certa. Não queria pensar tal coisa de uma mulher que quase fora uma mãe para ele.

Por outro lado, uma pessoa podia ver-se confrontada com escolhas duras neste mundo. Um agente com missões de moralidade questionável não podia dar-se ao luxo de ter uma consciência demasiado exigente. Isso era para si muito claro.

A cerimónia terminou. As mulheres afastaram-se, deixando a mulher loira e a amiga junto da sepultura.

– Tratas disto? – pediu Edward. – Tens de cumprir ordens, desta vez. Nada daquela independência inconveniente que mostraste da última vez, quando foste para norte.

– Circunstâncias externas intervieram nessa altura, como saberá.

– Devias ter encontrado uma forma de afastar Hawkeswell quando descobriste que andava a meter o nariz onde não era chamado. Devias...

– Avisei-o de que o fedor era tão grande que era inevitável que alguém o notasse. Não me culpe a mim se foi constrangedor para o governo.

A carruagem prosseguiu por um caminho mais próximo da sepultura. Uma cabeça loira encarava as carruagens que passavam. Quando se aproximaram, Jonathan viu o rosto adorável de Celia a uns escassos três metros.

A criança angelical transformara-se numa mulher encantadora. Parecia conservar a mesma doçura, embora talvez menos inocência. Olhava diretamente para a janela tapada, atestando a presença dos seus ocupantes invisíveis.

O dia estava encoberto; à volta dela, porém, o mundo ganhava um pouco mais de vida, como se ela exalasse um esplendor próprio.

Jonathan desviou o olhar da janela e deparou com a impaciência carregada do tio. – Sim, eu trato disto.

Celia apeou-se do cabriolé de Daphne. Ergueu os olhos para os três andares da casa de tijolo. Como a maioria das casas daquela zona de Wells Street, parecia bem conservada. Era o tipo de habitação que poderia albergar um mercador ou um artesão próspero.

– Parece ser um bairro decente e Bedford Square fica apenas a algumas ruas para este – comentou Daphne. A sua inspeção não se limitara à casa. – Deve ser suficientemente segura, mesmo se ficares sozinha durante alguns dias.

Celia tirou a mala do cabriolé. Ainda não dissera a Daphne que poderia ficar mais do que alguns dias. Mas isso seria depois, assim que tivesse definido os seus planos.

– Ainda acho estranho a minha mãe nunca me ter dito nada acerca desta propriedade – declarou. – É muito mais modesta do que a casa de Orchard Street. Suponho que tenha sido um dos seus patronos a ceder-lha, para que ela a arrendasse.

Daphne desceu e atou as rédeas a um poste. – Talvez devas arrendá-la também, em vez de a vender.

– Pode ser que o faça. Não posso vender enquanto a relação dos bens não estiver concluída. Mr. Mappleton disse que ainda podem ser apresentadas mais dívidas. Se assim for, vai escorregar-me por entre os dedos como a outra casa, e tudo o resto.

Tirou a chave da bolsa e enfiou-a na fechadura.

– Felizmente está mobilada. Receei que acabasses a dormir no chão – comentou Daphne quando espreitaram a primeira divisão. – Vais conseguir um preço melhor quando a arrendares, também.

Celia pousou a mala e percorreram calmamente o andar de baixo. Na parte da frente havia uma agradável sala de estar, seguida de uma biblioteca. Ambas tinham uma mobília estofada em estado apresentável, mesas robustas e carpetes simples mas de bom gosto. A biblioteca até dispunha de um conjunto de livros. Examinou as lombadas e sorriu ao ver os pequenos tomos de poesia. A mãe sempre adorara poesia e, ao aprovisionar aquela biblioteca, presumira que os inquilinos retirariam benefício do seu próprio gosto.

Subiram as escadas até ao andar de cima, o dos quartos. O quarto da frente dava para a rua. Daphne levantou a colcha da cama. – Tem lençóis, e parecem lavados. Aparentemente, os últimos inquilinos não demoraram a sair. Para se adiantarem ao meirinho, talvez. Vamos fazê-la de novo, de qualquer forma, para teres a certeza de que são limpos.

Celia encontrou lençóis num baú de vime e rapidamente deram a tarefa por terminada. Fizeram o inventário dos outros quartos do piso e depararam com uma segunda escadaria nas traseiras da casa.

– Investigarei o sótão amanhã – declarou Celia, começando a descer. Parece estar tudo em ordem por aqui, Daphne. E agora, já me deixas aqui sozinha mais sossegada?

– Não me opus a ficares aqui durante alguns dias.

Celia não conteve um risinho. – Não disseste nada, mas os teus olhos ficaram com aquela expressão contida, de quando queres opor-te mas não te é dado fazê-lo.

Entraram noutra sala, de bom tamanho, com cadeiras de vime e um sofá, ao fundo das escadas das traseiras. Tinha janelas grandes, que davam para o jardim. A vista deslumbrou Celia.

– Está virada para sul – observou Daphne. – É uma excelente divisão. Mesmo hoje, com o céu tão nublado, há aqui uma luz agradável, e a perspectiva do jardim é revigorante.

– Suspeito que vá ser o meu sítio preferido – disse Celia. – Creio que as plantas se iam dar bem junto a estas janelas. – A semente de uma ideia que fora plantada ao saber daquela casa começava agora a criar raízes.

Inspecionaram a cozinha, mais abaixo, e Daphne preparou-se para se despedir. Regressaria de cabriolé à sua propriedade, que ficava próximo de Cumberworth, no Middlesex. Daphne tinha lá um negócio, de cultivo de flores e plantas para o mercado londrino. Durante os últimos cinco anos, fora também a casa de Celia.

– Vamos ter saudades tuas – declarou Daphne, já a aproximar-se da porta principal. – Promete-me que vais ter cuidado.

– É um bom bairro, Daphne. Ficarei em segurança.

– Imagino que não devesse pensar tanto como uma mãe em relação a ti. Tenho apenas mais quatro anos do que tu. Deves achar as minhas preocupações uma tolice.

– Não és como uma mãe. És a irmã mais velha que eu sempre quis.

Ainda com algo semelhante a preocupação materna nos olhos, Daphne cruzou a soleira e desamarrou o cabriolé. Celia ficou a ver a sua querida amiga afastar-se, com os véus do chapéu a flutuar na brisa de inverno.

Se Daphne tinha um comportamento algo maternal era porque Celia se assemelhava muito a uma criança quando elas se conheceram. Uma criança confusa e perdida, procurando refúgio junto de uma estranha de quem ouvira dizer que tinha bom coração.

Fechou a porta e dispôs-se a acostumar-se à propriedade que constituía o único legado de Alessandra Northrope.

Bom, não era o único legado. Havia outro, caso Celia escolhesse reivindicá-lo.

